

OS CONSELHOS OPERÁRIOS*

Henri Chazé**

Henri Chazé faz uma breve discussão sobre os conselhos operários. O texto traz algumas reflexões introdutórias sobre conselhos operários e o uso do termo. Assim, apesar da brevidade e simplicidade, o texto oferece uma concepção introdutória ao tema dos conselhos operários. Sem dúvida, em alguns elementos e aspectos não é possível concordar, mas no geral o autor expressa uma concepção marxista autêntica.

Faça a seguinte experiência. Pergunte a um antigo colega de trabalho o que é um Conselho Operário. Na melhor das hipóteses, se ele for um militante, lembraria e traçaria paralelos com os Soviéticos russos de 1917, falaria dos conselhos de marinheiros e operários que estiveram na origem da Revolução Alemã de 1918-1919, dos Comitês Espanhóis de 1936, e provavelmente encerraria essa recapitulação histórica com os Conselhos Operários da revolta húngara de 1956. Mas pergunte a um amigo com menos de trinta anos. Tudo o que ele se lembra da repressão da revolta húngara é uma história semelhante à que a Tchecoslováquia acabou de vivenciar. Sim, claro, existiram Conselhos Operários que organizaram uma resistência tenaz. Portanto, não se tratava simplesmente de um movimento pela independência nacional, mas o que exatamente sabemos sobre a luta operária e o papel desses famosos Conselhos?

Seu interlocutor, com menos de trinta anos, teria que pertencer a um grupo muito pequeno para lhe dizer algo mais, primeiro sobre esses Conselhos Húngaros, depois talvez sobre os da Iugoslávia, sobre os Comitês de Autogestão Argelinos, sobre a gestão operária em geral e todos os “problemas” que ela suscita nas organizações revolucionárias. Por fim, você provavelmente ouviria o discurso obrigatório sobre a necessidade de um partido revolucionário — um partido de verdade, genuíno — o único capaz de guiar e liderar esses pobres conselhos operários de base.

É necessário, portanto, explicar o que eram esses Conselhos e o que podem vir a ser. Não se

* Publicado originalmente em: *Cahiers du Communisme de Conseils* (Cadernos do Comunismo de Conselhos), Paris, num. 02, Janeiro de 1969. Tradução de Nildo Viana.

** Henri Chazé (1904-1984) é pseudônimo de Gaston Davoust, nascido em Chazé-Henry (cuja inversão lhe permitiu a criação do pseudônimo). Chazé passou por várias organizações e participou de várias publicações, incluindo o *Cadernos do Comunismo de Conselhos*.

trata de uma forma teórica de organização defendida por estrategistas revolucionários. Pelo contrário, são órgãos que surgiram espontaneamente durante as lutas operárias. Recordar esse fato concreto é simplesmente extrair uma das lições mais importantes da história do movimento operário revolucionário.

Mas na França a palavra “Conselho” nunca foi amplamente utilizada para designar esses órgãos que os trabalhadores elegem durante as batalhas que travam contra os empregadores e o Estado¹. Assim como na Espanha, a palavra “Comitê” é comumente usada para nomear esse grupo de delegados responsáveis por organizar qualquer ação de porte significativo.

Para entender o que é um Conselho Operário, vamos começar com o exemplo de um simples comitê de greve. Mas um comitê de greve no verdadeiro sentido da palavra, isto é, um comitê eleito por todos os trabalhadores no início da greve e cuja composição pode ser modificada durante as assembleias gerais realizadas ao longo da duração da ação engajada. Isso lhe confere o caráter de um comitê exclusivamente executivo, e não dirigente. Como podemos ver, tal comitê de greve não tem nada a ver com um comitê composto exclusivamente por representantes dos diversos sindicatos de uma empresa. Isso não significa, porém, que um comitê de greve eleito por todos os funcionários não inclua ativistas sindicais ou membros de um partido ou organização política. Todas as correntes de pensamento influenciam os trabalhadores, e um comitê eleito só pode refletir o que é e o que muda durante o curso da luta.

Se uma greve se prolonga, se ela se alastra e se torna parte de um ataque mais amplo contra o regime de exploração, então cada comitê de greve se depara com novos problemas. Ele deve enfrentar responsabilidades mais amplas que podem se estender à tentativa de gerir a empresa, em coordenação com todos os outros comitês que assumiram a administração, a distribuição etc. — em suma, a organização e a gestão de toda a nova sociedade que está sendo criada.

Organizações de luta inicialmente, os comitês de trabalhadores, os conselhos operários,

¹ No Brasil, o uso do termo “conselhos operários” ou “conselho de trabalhadores” (ou de outras formas, como “conselhos de bairros”) não é predominante nas lutas operárias do passado, pois se usa mais o termo “comissões de fábrica” ou, em menor grau, “comitês de fábrica”. Porém, quando se trata de movimento grevista, se utiliza mais “comitê de greve”. A expressão “comissões” foi amplamente utilizada na emergência dessas formas organizacionais nas greves em Osasco, em 1968, e nas do ABC paulista, em 1978. Os termos “conselhos operários” e semelhantes são mais usados quando se trata de trabalhos intelectuais (historiadores e outros que se debruçam sobre as lutas operárias durante Revolução Russa, Alemã, entre outras; autores que discutem movimento operário e “comunismo de conselhos”, etc.) e no interior do bloco revolucionário. Porém, além disso, existe uma discussão teórica sobre esses termos e sua abrangência, o que inclui, entre outras coisas, a divisão entre “conselhos de fábrica” (que existem no espaço das fábricas) e “conselhos operários” (que expressa uma articulação de diversas fábricas, sendo mais regional do que local) (NT).

podem se tornar órgãos do poder operário, e caberia a eles defenderem esse poder contra o ataque de todas as forças repressivas da classe dominante ameaçada. É uma luta implacável, como nos ensinou a história dos grandes movimentos revolucionários. É então que aos Comitês ou Conselhos de Trabalhadores se juntam Comitês de soldados e marinheiros, e que comitês de bairro são criados nas cidades. Finalmente, em todos os lugares, os explorados se organizam e, enquanto lutam, estabelecem as estruturas de uma nova sociedade.

É compreensível que, tal como durante uma greve, é necessária a máxima vigilância para garantir que os comitês ou Conselhos de Trabalhadores conservem o seu caráter original. Isso significa que eles sempre permanecem sob o controle daqueles que os elegeram. Afinal, a história nos ensinou que nenhuma forma de organização está imune à burocratização ou à conquista por um partido hierárquico, caso em que os Conselhos Operários podem se tornar meros instrumentos a serviço de uma minoria dirigente.

Tal foi o destino dos soviets de 1917, quando os bolcheviques se tornaram maioria em seu interior, e o dos Conselhos Operários Alemães, quando o Partido Social-Democrata conseguiu controlá-los. Se, portanto, os comitês ou conselhos representam para os trabalhadores a melhor forma de organização que eles criaram espontaneamente no passado e que recriam em resposta a novas lutas, será que o nível de consciência alcançado nessas lutas ainda é suficiente para impedir a degeneração dessas organizações? Aqui tocamos em um problema que merece uma análise mais aprofundada. O texto de Pannekoek, publicado em nosso número 01², nos ajudará nesse sentido. É em um processo de transformação permanente que ocorre a adaptação da consciência à existência social, afirma Pannekoek, que se esforçou para desvendar tudo o que está envolvido nessa formação da consciência. De fato, o nível de consciência é difícil de analisar; ele se verifica na e através da luta de classes.

Voltando a discutir os conselhos ou comitês que agora nos interessam e que podem emergir num futuro próximo — isto é, comitês de greve ou comitês de ação que possam surgir durante greves selvagens ou novas lutas em larga escala de operários e estudantes — devemos, obviamente, enfatizar sua enorme vantagem como órgãos de mobilização e unificação. A multiplicidade de tendências que podem se expressar dentro desses comitês torna-se, então, irrelevante, e seria inútil desejar seu desaparecimento. As necessidades da ação conferem às

² O autor se refere ao número 01 da Revista “*Cahiers du Communisme de Conseils*” (Cadernos do Comunismo de Conselhos), que contava com um artigo de Anton Pannekoek sobre materialismo histórico.

divergências sua verdadeira importância e às formações de todos os tipos sua verdadeira dimensão.

Deve-se notar também, e esta é outra lição da história, que os trabalhadores só criam comitês ou conselhos quando as organizações tradicionais, partidos e sindicatos, já não gozam da sua confiança, e quando não podem contar com grupos de extrema-esquerda cuja multiplicidade e fragilidade são “desanimadores”. Em situações como essa, não surpreende que se torne necessária a criação de órgãos unitários eleitos pelos próprios trabalhadores.

Não afirmamos ser os únicos que defendem a ideia dos Conselhos ou Comitês como órgãos indispensáveis para qualquer ação revolucionária. Mas o que nos distingue de outras correntes comunistas e nos confere o nome de Comunistas de Conselhos é o fato de vermos nesses Conselhos os únicos órgãos verdadeiramente representativos dos trabalhadores, e que todos os nossos esforços visam ajudá-los a manter sua autonomia em relação a todas as formações que se propõem a dirigi-los.

Aderimos e declaramos lealdade a este comunismo de esquerda que Lenin tentou desacreditar, denunciando-o como “a doença infantil do comunismo”. Desde 1920, quando o livro de Lenin foi escrito, acreditamos que a história já se pronunciou. A noção leninista de partido dirigente só pode levar a uma sociedade tecnoburocrática na qual uma nova classe dominante substitui a burguesia para perpetuar a exploração dos trabalhadores³.

O leninismo conduz ao capitalismo de Estado e não ao socialismo, que só pode ser obra dos próprios trabalhadores.

Voltemos à situação atual, caracterizada pelo fato de muitos jovens operários e estudantes demonstrarem o desejo de “continuar a luta” e de manter viva ou reavivar o que surgiu espontaneamente em maio e junho⁴. Tentar a todo custo — ou seja, artificialmente — prolongar a vida de organizações nascidas na e para a ação corre o risco, na ausência de participação maciça de trabalhadores ou estudantes, de levar à formação de pequenos círculos, cuja existência depende de alianças ou conflitos entre militantes de diversas tendências, que buscam, primordialmente, ampliar sua influência.

Contudo, não podemos ignorar a existência, tanto nas empresas quanto entre os estudantes, de núcleos — que ainda podem ser considerados os embriões dos novos comitês que um

³ No caso, não se trata de uma “nova classe dominante” e sim a substituição da burguesia (ou classe dominante anterior, dependendo do caso) privada por uma burguesia burocrática, ou seja, uma nova forma assumida pela classe capitalista (NT).

⁴ O autor se refere às lutas estudantis de maio e as greves operárias de junho de 1968 (NT).

ressurgimento da luta de classes poderia gerar. Jamais nos esqueçamos de que a realidade raramente nos oferece exemplos da criação de organizações tão puras quanto gostaríamos. Tampouco a ação concreta se desenrola segundo padrões ou na direção que almejaríamos.

Nosso papel é simplesmente defender nossas concepções por meio da participação ativa nos combates em que nos engajamos como trabalhadores.